

## **O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE**

### **Para uma Pedagogia de mudanças**

Sandra Cristina Schram\*

Marco Antonio Batista Carvalho\*

O propósito deste estudo é refletir sobre a escola, a educação através da ação docente no processo de ensino e de aprendizagem, oferecendo espaço para uma releitura sobre o papel social da escola, o currículo, a formação docente, a proposta pedagógica, aspectos da avaliação, tendo como referencial os pressupostos teóricos do educador Paulo Freire.

Uma reflexão necessária e de certa forma ousada, visto que hoje enfrentamos inúmeras dificuldades no sistema educacional brasileiro. Assim, a proposta é refletir a partir do desenvolvimento histórico em que apoiada a autores diversos, apresentamos algumas considerações sobre a educação, o pedagogo, e nesse intuito o papel social da escola na atual sociedade.

A escola precisa redimensionar o seu pensar, reformulando suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar (entendida aqui os alunos, pais, professores, equipe pedagógica, direção, funcionários) espera dela enquanto função social. Ao que nos deparamos freqüentemente com inúmeras instituições tentando descrever e delinear as mazelas da escola, no entanto, nós educadores nos reservamos muitas vezes a apenas ouvi-los sem definir “publicamente” nossos anseios, interesses e preocupações. Tem-se permitido que diferentes profissionais interfiram no processo de direção da escola, ao que entendemos ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade. Trazer a público, o que de fato é a escola e a que ela se propõe já que precisa reformular sua ação definindo prioridades frente as diferentes exigências do contexto social em que encontra-se inserida.

---

\* Professora Pedagoga da Rede Pública Estadual/Núcleo Regional de Educação/Cascavel/PR. Professora do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE /SEED/IES – PR. Especialista em Alfabetização; Didática: Fundamentos teóricos da Prática Pedagógica; Administração, Supervisão e Orientação Educacional; Educação Especial; Psicopedagogia. [sandraschram@hotmail.com](mailto:sandraschram@hotmail.com)

\* Professor Orientador do PDE e Docente do Curso de Pedagogia da UNIOESTE/CASCADEL/PR. Mestre em Educação. [marcoab\\_carvalho@yahoo.com.br](mailto:marcoab_carvalho@yahoo.com.br)

Nosso maior interesse é refletir a presença da escola na sociedade, sabendo que ela se destina à promoção do homem. O que necessariamente requer um educador que seja um profundo conhecedor do próprio homem. Portanto compreendemos que a formação dos docentes é a base para a escola de qualidade, pois não basta apenas equipamentos tecnológicos, espaço físico, mobiliários, antes, docentes capacitados para fazer o seu trabalho, em ação coletiva com os educandos compreendendo o seu estar no mundo, o seu fazer, fazendo-se.

Queremos uma escola capaz de trabalhar um currículo significativo, preparada para que o ensino e a aprendizagem de fato se efetivem, em que a proposta político pedagógica esteja alicerçada a uma pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica, e que o educador, na concepção de Paulo Freire, seja aquele que “ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde a sua opção política na neutralidade impossível de seu que-fazer” (2000, p. 44).

A escola que compreendemos ser necessária, é aquela que investe na formação de seus docentes e por essa razão, compreende o educador e a educadora progressista, de acordo com Paulo Freire, como aquele que:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade. (2000, p. 44).

Queremos sem dúvidas, que a escola possa, com seus educadores, trazer as mudanças desejáveis para uma sociedade justa e igualitária. Isso não será possível se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade.

De acordo com Paulo Freire, “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22).

Nossa preocupação é estabelecer sobre a escola, a partir de seu projeto histórico, a reflexão crítica sobre a realidade, permitindo o cumprimento e a inserção de todos. Sobre isto, Paulo Freire, afirma a necessidade de o educador assumir o “compromisso com os destinos do

país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (2007, p. 25).

A partir das releituras de Paulo Freire, acreditamos no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo. É em função desses pressupostos que queremos participar das reflexões para a construção da escola que oferece uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

Paulo Freire expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta a escola como instância da sociedade. Paulo Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30). Reconhece a presença do oprimido e do opressor, ao que convida-nos a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um, para então conseguirmos pela marcha popular libertar todos os homens.

#### Nas considerações de Paulo Freire

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos . (1991, p. 126)

Reconhecemos o papel que tem a escola para homens e mulheres, sabendo também, que não será ela a única responsável pelas transformações da sociedade, pois vem orientada muitas vezes para a manutenção das estruturas sociais e econômicas dominantes, que impedem a própria transformação. Citado por Moacir Gadotti, é nesse sentido que Paulo Freire é enfático ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (1991, p. 84).

Tal afirmativa conduz a realização de uma prática pedagógica não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, portanto a valorização da experiência cotidiana como forma de transformação na medida em que se torna capaz de responder às necessidades, nas próprias especificidades culturais, resultado da vida do povo.

Assim, a educação é compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade andam juntas, sendo parte do mesmo processo.

Nesse sentido, Paulo Freire, apresenta-se como o educador que ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando torne-se sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Para este educador, a educação é ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate. O que requer o olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e neste sentido é na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem. Local que deve ser constituído pela sua natureza e especificidade.

Segundo ele, é preciso que seja conferido ao homem o direito de dizer sua palavra, o que significa sua iniciação quanto a compreender-se e aos demais, homens no mundo, e seu papel no processo de transformação. Compreender que o homem é um ser histórico e, portanto capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, lembrando sempre que Paulo Freire se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem, sonham.

Em todo o seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. Para o que é necessário a formação do homem realmente livre. Por ser livre, vai a origem das coisas, não deixando manipular-se, já que submete sua ação à reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, combatendo a alienação dos homens através da compreensão do indivíduo como ser ele mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente as mudanças sociais.

Exige-se, portanto, exercício consciente da ação, o que requer reflexão do próprio ato de existir. Para Paulo Freire, exercer a consciência é ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, onde

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá

como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (2006, p. 30)

Nesse sentido, o homem passa a reconhecer suas tarefas fundamentais, o que só é possível quando deixa de ser dominado pelos mitos, onde a razão passa a predominar sobre a emoção. Pois, quanto mais o homem for capaz de refletir sua realidade, maiores condições terá de agir sobre ela, comprometendo-se assim em mudá-la, pelo fato de sentir-se inserido, participe, produtivo nela. Assim, o trabalho educativo será expressão da consciência crítica, quando os homens que o fazem, manifestam a capacidade de diálogo orientada para a práxis.

Evidentemente o conceito de práxis aqui utilizado não é aquele que evoca a pura e simples prática, antes, porém, constitui-se como apresenta Vásquez (1977) em atividade pensada, organizada. Ao que Paulo Freire afirma, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. (1997, p. 38)

A educação crítica é orientada para a tomada de decisões e o exercício da prática de uma responsabilidade social e política. Modificando-se assim, a própria relação entre professor e aluno, a qual é marcada pelo pressuposto básico que Paulo Freire estabelece para esta relação, a saber, a prática do diálogo enquanto dimensão essencial no trabalho de compreensão da realidade a partir das experiências do sujeito ensinante, assim como do sujeito aprendente.

Portanto, a comunicação entre educador e educando, na partilha de suas experiências pelo diálogo, abre caminhos para uma participação responsável. O diálogo implica reconhecimento do outro, através do respeito a sua dignidade, o que só é possível entre pessoas, e o qual se fundamenta na democracia.

Paulo Freire traz para a escola o princípio da relação professor-aluno. Muitas vezes, como em nossa vida social, tem se apresentado também, envolvida pelo autoritarismo, a ausência do diálogo, exigindo de todos, a aprendizagem da democracia, através da dialogação entre alunos, pais e professores, transformando a vida escolar em assunto de todos os envolvidos, assim como a vida política é assunto de toda a sociedade.

Para tanto, propõe uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a realidade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural.

Assim, compreender a cultura como processo histórico pelo qual o homem se relaciona com o mundo transformando-o com os outros homens, reconhecendo e transformando a natureza e a si próprios. Representando a somatória de toda a experiência, criação e recriação ligada ao homem no seu espaço de hoje e na sua vivência de ontem, configurando-se como a real manifestação do homem sobre e com o mundo. Portanto, compreendendo que a cultura é tudo o que é criado pelo homem.

Desta forma, é relevante considerar o homem inserido na cultura por ele constituída, compreendendo as relações que se estabelecem na escola. Em que o professor perceba que cada indivíduo, deve despertar para a consciência de sentido do seu existir, devendo a ele o respeito com a necessária competência e compromisso pedagógico, o que deve servir de referência na organização e valoração do quefazer escolar. Perceber a existência de duas culturas, a do educando e a do educador, numa sociedade competitiva e de contradições.

É essa leitura da realidade dos sujeitos que irá possibilitar a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. Onde a consciência ingênua é caracterizada por Paulo Freire pela simplicidade da interpretação dos problemas, julgando como tempo melhor ser o tempo passado, busca pelas explicações da realidade em mitos, fragilidade na argumentação, o envolvimento emocional em detrimento da razão, a ausência da prática de diálogo. E consciência crítica, como a representação das coisas e dos fatos, na racionalidade, o domínio das emoções pela razão, capacidade de diálogo, aceitação de mudanças, objetividade na percepção do real.

Assim, trabalhar para a criticidade é a possibilidade de ação e de participação que só se efetiva na transformação consciente do meio, o qual só pode ser transformado com recursos que implicam a participação de todos para a conquista da educação libertadora. Cabe, portanto ao educador, a explicitação do seu projeto político. A explicitação da sua proposta educacional, compreendendo a educação como uma ferramenta metodológica que traça a luta política ao sistema educativo. Sabendo que sozinha não irá revolucionar, mas sim, se todos estiverem conscientes do compromisso pela transformação, aproximando posturas a fim de melhorar a sociedade, num consenso orientado pela autoridade, em que todo homem traz consigo uma forma de ver e pensar o mundo, a partir de suas experiências com o universo circundante, pelas idéias que orientam sua presença no mundo. Desse pressuposto é que se pode pensar a relação oprimido e opressor, como afirma Paulo Freire “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser”. (2006, p. 100)

A sociedade é contraditória e, portanto apresenta nela próprias situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcado pelas desigualdades sociais, próprios da sociedade capitalista, já que existe aquele que oprime e aquele que é oprimido, gerando um contexto de violência. Violência que se percebe também no contexto escolar. Seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário, ou mesmo pela permissividade. Nesse sentido, requer repensar a formação de homens capazes de transformar, onde o fazer torna-se ação e reflexão, práxis pedagógica, caracterizada pela ação transformadora do mundo. Buscando a libertação do homem, no contexto de reflexão, pela compreensão de ser no mundo, com o mundo e para o mundo.

Paulo Freire aborda os aspectos da relação educadores - educando, em que refere a existência de relações centradas unicamente na função do educador através de atitudes narradoras e dissertadoras presentes no meio educacional, onde os conteúdos são apresentados como “retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação” (1997, p. 57), parte do pressuposto de que uma prática pedagógica desvinculada da reflexão, não tenderá a libertação e a transformação do homem, porque este é concebido como uma “vasilha”, na qual é depositado saberes tidos como essenciais por aqueles que não pensam a ação pedagógica. Por não ver no ato educativo um ato de criatividade, ato de transformação, não pode acontecer o saber. Saber que é reflexo da invenção, da busca incessante, impaciente e freqüente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.

Compreender a educação como transformação social, pressupõe ver o homem não como mero reservatório, depósito de conteúdos, mas sujeito construtor da própria história e em consequência, capaz de problematizar suas relações com o mundo.

A relação professor – aluno para Paulo Freire, deve partir do reconhecimento das condições sociais, culturais, econômicas dos alunos, suas famílias e o seu entorno.

A ação educativa acontece na relação educador e educando, mas é permeada pelo desejo incessante que aguça a curiosidade, que traz a dinâmica de aprender com significado, em que o educador saiba o que vai ensinar e, portanto, estimula o aluno a perguntar, a conhecer, pois de acordo com Paulo Freire:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (2007, p. 86)

Para Paulo Freire, “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (2003, p. 52). Para tanto, torna-se prioritário a prática do diálogo em que ambos, educador e educando, através da realização de seus objetivos chegam ao acesso do saber historicamente elaborado pelo exercício cultural da humanidade. Ainda de acordo com Paulo Freire, “O educador ou educadora como um intelectual tem que intervir. Não pode ser um mero facilitador” (2003, p. 177), o que traduz a exigência da formação docente para o exercício pleno de sua função pedagógica, enquanto articulador do processo ensino e aprendizagem.

Ao considerar aspectos do ensino e aprendizagem, Paulo Freire fala da sua incansável natureza de amar o saber, ao que retoma o necessário domínio que o educador precisa para ensinar, não sendo possível uma relação permissiva e evasiva frente ao conteúdo de ensino. Sobre isto ele diz:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (2003, p. 79)

Portanto, o grande desafio do educador é, pela formação permanente, buscar subsídios teórico-práticos, para o exercício da docência, para a compreensão de que o conteúdo a ser trabalhado é uma síntese da humanidade, e que ao ser considerado relevante, conduz o aluno a transitar por ele, provocando inquietações que o fazem avançar ainda mais. Atribuir sentido ao programa curricular, organizando, criticando, relacionando o objeto de conhecimento e a realidade. Exigir dos integrantes do processo a relação dialógica, a busca comum por uma sociedade diferente, a qual passa pelo respeito ao outro, pelo exercício contínuo do diálogo. Para Paulo Freire, professor e aluno devem vivenciar a liberdade com relação à autoridade do professor, sendo ela absolutamente necessária para o desenvolvimento da liberdade dos alunos, porém, afirma que “sem os limites do professor e da professora, os alunos e alunas não podem saber. Isso é, o professor tem que impor os limites” (2003, p. 146).

O professor, segundo Paulo Freire, não precisa saber apenas o conteúdo, mas também como ensinar aquele conteúdo. O que requer atenção e disciplina para não dar ênfase apenas aos problemas sociais e políticos deixando de lado o conteúdo, ou o inverso, enfatizando um conteúdo desvinculado das questões políticas e sociais do meio.

Sobre isto, Vasconcellos afirma que:



O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista **objetivo** (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto **subjetivo** (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.). (2003, p. 77).

Pensar a democracia no âmbito educacional pressupõe compreender o que seja educação, seus limites e suas instâncias. Para Paulo Freire “a educação sempre implica programa, conteúdo, método, objetivos”, o respeito ao saber circundante, direito que as pessoas têm de saber melhor aquilo que elas já sabem. Seu conceito de saber é explicitado quando afirma que:

Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos [...] começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento (2003, p. 159).

Com esse propósito é que desejamos a efetivação da educação popular, definida por Paulo Freire, enquanto “esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (2005, p. 19). Compreender que ela vem permeada da relação entre vida e política. Cabe, portanto, pensar essa ação como politização. Não tem o propósito de apenas socializar, mas antes politizar. Sabendo que esse evento se dá amparado na participação das camadas populares para mover os obstáculos na superação dos problemas pela descoberta das necessidades que devem e podem ser satisfeitas. Pois a educação popular nasce da cultura que os movimentos populares usam e criam em suas lutas.

Precisamos sim brigar pela educação para a liberdade, que dá sentido às relações humanas, mobilizando para os caminhos de acesso ao conhecimento, associada a cultura. Cultura essa, usada nas lutas, por melhor viver.

Neste contexto é fundamental explicitar a compreensão de Paulo Freire quanto a especificidade e natureza pedagógica da Escola, para ele:

É uma escola em que realmente se estude e se trabalhe. Quando criticamos, ao lado de outros educadores, o intelectualismo de nossa escola, não pretendemos defender posição para a escola em que se diluíssem disciplinas de estudo e uma disciplina de estudar. Talvez nunca tenhamos tido em nossa história necessidade tão grande de ensinar, de estudar, de aprender mais do que hoje. De aprender a ler, a escrever, a contar. De estudar história, geografia. De compreender a situação ou as situações do país. O intelectualismo combatido é precisamente esse palavreado vazio, sonoro, sem relação com a realidade circundante, em que nascemos, crescemos e de que ainda hoje, em grande parte, nos nutrimos. Temos de nos resguardar deste tipo de intelectualismo como também de uma posição chamada antitradicionalista que reduz o trabalho escolar a meras experiências disso ou daquilo e a que falta o exercício duro, pesado, do estudo sério, honesto, de que resulta uma disciplina intelectual. (2003, p. 114)

Porém, o que temos atualmente é uma inquietação entre alunos e docentes, visto que parecem estabelecer alianças, mas ao mesmo tempo revelam desconforto e insatisfações, um por não encontrar-se no desejo de aprender, e o outro por não compreender como apresentar, para o trabalho realizado, resultados de qualidade, traduzido na aprendizagem e na participação.

Paulo Freire, colocando-se como aprendiz da própria experiência chama a atenção ao processo de ensinar e aprender, propondo refletir as formas de abordagem com os educandos, trazendo para as discussões a importância do educando reconhecer-se como tal e, portanto, compreender sua tarefa no processo de aprendizagem:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implicar re-conhecer. (2003, p. 47)

Desta forma, exige-se a compreensão da sociedade em que se está inserido, buscando a permanente análise da estrutura social, política e econômica, a compreensão da educação no contexto de crianças, adolescentes, jovens e adultos trabalhadores. No desejo por uma educação de qualidade, exigindo a intencionalidade de uma educação democrática, séria, comprometida com as expectativas da educação popular. Capaz de permitir, antes da leitura da palavra, a leitura do mundo pelo reconhecimento crítico da realidade. Ler o mundo é, para Paulo Freire, a possibilidade de decifração, interpretação crítica e analítica das situações limites, a partir da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar no mundo e com o mundo.

Gadotti afirma que Paulo Freire caracterizava como “qualidade”, não a concorrência ou a competitividade entre as pessoas, mas antes a qualidade como forma de acesso ao saber e isto feito de forma alegre para todos (2001, p. 35).

Assim, para Paulo Freire (2007), pensar o educando e o educador a partir do seu contexto real, da sua atmosfera social, na necessária participação para a conquista de um ensino comprometido com a aprendizagem, deve estar no discurso dos educadores, em que se faz necessária a ação de ensinar na exigência rigorosa, metódica, na exigência pela pesquisa, no respeito aos saberes dos educandos, na exigência de criticidade, de estética e de ética, na exigência do exemplo das palavras em atos, na exigência do risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, na exigência de reflexão crítica sobre a prática, no reconhecimento e a assunção da identidade cultural, em que requisitava-se ensinar não

como ato mecânico, de mera transmissão do conhecimento, mas ensinar como uma tarefa especificamente humana. Educação que Paulo Freire apresentou e viveu na intensidade de seu tempo.

Paulo Freire tornou-se assim, um educador que lutou pela construção da educação popular, dedicado e comprometido com a causa dos excluídos, deixa um legado de esperança para as possíveis transformações sociais.

Isto pode ser observado de diversas formas em seus escritos, como por exemplo, quando diz que:

é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue. (2006, p. 45)

Para ele, a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante, e assim, ser possível, escrever a história das mudanças e das transformações.

Na educação, sua opção teórica, traduz a constante necessidade de diálogo, a importância do pensar a prática como forma de refazer, refazendo-se. Oferece uma leitura da ação como ato consciente, capaz de libertar. Como ele mesmo dizia “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (1997, p. 52)

De acordo com Paulo Freire, ninguém começa a ler a palavra sem antes aprender a ler o mundo, o que advém da capacidade de olhá-lo e interpretá-lo, e é desta forma que a história reconta a evolução do homem para a invenção da escrita, defendendo a necessária articulação, comprometida e responsável, em tornar a educação popular um exercício de democracia, participando, dialogando, construindo o próprio ensino.

Pensando na necessária participação do povo na escola, Paulo Freire em sua vivência pedagógica como gestor público<sup>1</sup>, propõe uma trajetória conferindo um olhar dedicado, possível porque esperançoso, alicerçando os rumos para a educação popular democrática, impondo a razão primeira de pensar a escola na perspectiva de participação coletiva através dos conselhos escolares, porém já advertindo que

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (1991, p. 16)

---

<sup>1</sup> Administração Petista de São Paulo, em que assumiu a Secretaria da Educação da Cidade de São Paulo, 1989 - 1991.

Desta forma, devemos trazer à escola a voz de quem vem à escola, porque estes trazem para dentro dela um mundo rico em vivências e saberes, tornando a escola “como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de idéias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência” (1991, p. 16).

Portanto as questões que devemos levantar dizem respeito a que escola queremos, a serviço de quem ela deve estar, qual deve ser a sua preocupação em relação a comunidade a que pertence, para então construir essa escola que acreditamos ser a necessária para a sociedade, em que buscar-se-á pensar a ação pedagógica do profissional de educação, o pedagogo, como organizador das práticas educacionais contribuindo para que a escola cumpra o seu papel social, definido por Saviani como atividade nuclear da escola, a saber, “a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado”. (1995, p. 21)

Saviani contribui para esta discussão quando salienta:

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas). (1995, p. 19)

Com a preocupação sobre o que fazer, evidenciado nas relações cotidianas escolares, Paulo Freire propõe olhar a escola, como espaço de ensino e aprendizagem, onde debates de idéias, soluções, reflexões, surjam da organização do povo, para o povo e com o povo, resultado da reflexão conjunta do fazer pela experiência própria.

Revela preocupação não apenas com a “boniteza da escola”, zelo, limpeza, alegria, mas, sobretudo a escola da alegria de aprender, em que se faz presente a imaginação criadora, que busca a liberdade, a aventura de criar. Busca uma prática educativa que seja capaz de trabalhar contra a exclusão, superando os obstáculos do processo de conhecer e que permite o sonho esperançoso de

Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo. (1991, p. 24)

Assim, sua vida na educação e sua obra trazem presentes em sua formulação teórica do conhecimento, a preocupação constante com a formação permanente, em que exige reflexão sobre a prática, reflexão sobre o projeto político pedagógico que se quer para a escola. Clareza e consciência de a favor de quê e de quem, da mesma forma em que se deve pensar contra o quê e contra quem se realiza, por isso a necessária intencionalidade para o ato educativo pedagógico, esforço de uma ação eminentemente política.

Paulo Freire traça um caminho de encontro consigo e com o outro, pensa a ação educativa valendo-se da necessária postura que deve ter o educador progressista, entendido aqui como aquele que estando consciente de sua responsabilidade, com competência técnica, associa o ensino do conteúdo à leitura crítica da realidade, inquietando os educandos, desafiando-os para que percebam que o mundo pode ser mudado, transformado, reinventado. Não ingenuamente, ou romanticamente, mas esperançosamente na crença de que é preciso adotar uma postura crítica, pedagógica, séria e competente com a formação das novas gerações.

Faz a advertência para a necessária reflexão sobre situações de evasão, ao que denomina “expulsão da escola” (1991, p. 35), e o faz nos advertindo da necessidade de olhar para a sociedade e suas interferências no processo de ensino e no processo de aprendizagem.

A luta hoje tão atual contra os alarmantes índices de reprovação que gera a expulsão de escandaloso número de crianças de nossas escolas, fenômeno que a ingenuidade ou a malícia de muitos educadores e educadoras chama de evasão escolar, dentro do capítulo do não menos ingênuo ou malicioso conceito de fracasso escolar. No fundo, esses conceitos todos são expressões da ideologia dominante que leva a instâncias de poder, antes mesmo de certificar-se das verdadeiras causas do chamado “fracasso escolar”, a imputar a culpa aos educandos. Eles é que são responsáveis por sua deficiência de aprendizagem. O sistema, nunca. É sempre assim, os pobres e miseráveis são os culpados por seu estado precário. São preguiçosos, incapazes. (2003, p. 125)

E ele sugere mecanismos para combatê-la, através do uso bem feito do tempo escolar, pois “tempo para aquisição e produção de conhecimento, a formação permanente dos educadores, o estímulo a uma prática educativa crítica, provocadora da curiosidade, da pergunta, do risco intelectual” (1991, p. 35). Também nos faz refletir sobre qual deve ser o papel da escola para combater a chamada evasão escolar, ou “expulsão da escola” quando afirma que:

Uma escola democrática teria de preocupar-se com a avaliação rigorosa da própria avaliação que faz de suas diferentes atividades.  
A aprendizagem escolar tem que ver com as dificuldades que eles enfrentam em casa, com as possibilidades de que dispõem para comer, para vestir, para dormir, para brincar, com as facilidades ou com os obstáculos à experiência intelectual. Tem que ver com sua saúde, com seu equilíbrio emocional.

A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas as estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados. (2003, p. 125 -26)

Para Paulo Freire é necessário pensar a prática educativa, o seu momento de avaliação, de aferição do saber, valorizando a experiência do educando, aquilo que traz consigo, seu vocabulário, sua prosódia, sua sintaxe, sua competência lingüística, compreendendo que muitas vezes a experiência dos meninos populares se dá preponderantemente não no domínio das palavras escritas, mas no da carência das coisas, e por isso é preciso trabalhar com o propósito de chegar naquilo que a escola considera como bom e certo, capaz de contribuir com o educando para a sua formação. É necessário, portanto, democratizar os critérios de avaliação do saber, onde a escola preocupe-se em preencher as lacunas de experiência das crianças, ajudando-as a superar os obstáculos em seu processo de conhecer.

Por isso, no trato para com a educação popular, nos faz compreender a necessidade de uma escola dedicada ao ensino e, portanto competente, mas também uma escola capaz de gerar alegria. E assim pensar a formação permanente dos docentes. Para tanto, propõe abrir espaço de diálogo aos educadores e educadoras, em que possam falar de seus problemas, de suas dificuldades. Refletir sobre a prática com a perspectiva de emergir aí a teoria necessária para redefinir os caminhos, porque compreende que as soluções para as questões educacionais não poderão chegar por decretos, mas antes pelo desejo e participação da própria gente que faz a educação.

Paulo Freire faz um convite para pensar um projeto político pedagógico centrado na construção de uma escola “séria, competente, justa, alegre, curiosa” (1991, p. 42), uma escola em que todos tenham “condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer” (idem, ibidem). Para isso requer profissionais, educadores, que lutem pela escola pública, pela melhoria de seus padrões de ensino, que defendam a dignidade dos docentes, a sua formação permanente, que acreditem na educação popular pela participação de todos e com clareza política. Que lutem pela reformulação do currículo em que ao ensino dos conteúdos, acrescente-se a leitura crítica sobre a realidade. Não apenas para desocultá-la, mas para agir sobre ela, transformando-a. Um desafio que se apresenta frente a uma transformação possível.

Em sua trajetória, Paulo Freire, evoca a necessária consciência de educadores e educandos, para o ato de estudo como tarefa séria, difícil, mas também prazerosa. Exercício

constante de sua prática, vivida intensamente em seu fazer de educador, o qual sempre teve o esmero de reler, rever, repensar o dito, reescrever o escrito, refletindo constantemente a sua prática teórica. Como ele próprio afirmava “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (2007, p. 39). Sabiamente, numa atitude comprometida, faz uma importante advertência quando diz:

Não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho [...] essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade. (1991, p. 70)

Isso não significa manter uma atitude de estagnação, desesperança, ao contrário, significa saber que o processo educacional é um dos meios de lutas para as transformações sociais. Por isso, propõe a busca de uma educação denunciante da opressão e anunciante da liberdade, indignando-se, mas, sobretudo construindo-se pela pedagogia da autonomia, que se faz pelo respeito à cultura do aluno, à valorização do conhecimento que o educando traz, articulando conhecimentos coletivos ao saber popular e crítico, científico, na relação com o mundo.

Não só ao aluno exige-se a tarefa de estudar, muito mais deve ser a permanente relação do educador com a pesquisa, o estudo, uma vez que um mínimo de teoria é necessário quando se deseja fazer a diferença.

É indispensável ao educador uma prática que implica programar, avaliar, portanto na perspectiva freireana, ação e reflexão constante do ato pedagógico. Testemunhar aos estudantes a forma como se estuda, como se aproxima do objeto de seu conhecimento. Comprometer-se com o ensinar e o aprender, engajando-se no processo de conhecer. Sendo indispensável ao educador a coerência entre o discurso e a prática.

Fruto de seus estudos, suas experiências com a educação popular, porque preocupado com a formação permanente dos educadores, Paulo Freire deixa uma importante formulação teórico-prática em sua obra “Pedagogia da Autonomia”<sup>2</sup>. Neste trabalho dedica-se a postular caminhos de reflexão com os educadores, movendo um pensar comprometido e dedicado às questões da formação docente, refletindo as exigências necessárias à docência, seja pelo respeito ao discente, já que sem ele não existe a docência, o rigor metódico, a necessidade da pesquisa, o respeito ao saber do educando, a necessária criticidade, a urgente presença da “eticidade” e a estética, o dizer coerente com o fazer, o ato de ensinar como

---

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

forma de competência profissional, comprometimento, exercício de liberdade e autonomia, o tão importante saber escutar, reconhecer a educação como diálogo, como o bem querer aos educandos, guiado pela seriedade, pelo compromisso político e a competência técnica.

Paulo Freire ao referir-se ao educador, refere-se ao ser politicamente claro, tecnicamente competente, que tenha sede por conhecer. Mostra que a teoria é “indicotomizável” da prática, ou seja, não é possível separar ação da reflexão teórica.

Segundo Paulo Freire, é pensando a prática que se é capaz de melhor compreender o que se faz e assim preparar-se para uma prática melhor, percebendo teoria e prática, jamais isolada uma da outra, mas uma relação de processo em que pensar a prática é a forma de aproximação do ato de e se pensar certo.

Paulo Freire representa socialmente a aproximação da postura pedagógica de humildade, escuta, respeito, confiança, crítica, interrogação, diálogo na perspectiva da transformação. Estabelece a educação como ato amoroso, ao que nos permite a reflexão da natureza para a compreensão do ato como prática, ação para a libertação, e o sentido de amoroso como sempre referiu-se ao bem-querer, à confiança e a reciprocidade.

Pela pedagogia de Paulo Freire, podemos participar do processo de transformação da escola, através da compreensão sobre o ato de conhecer, a importância de aprender, a necessária existência de uma relação harmoniosa, respeitosa, comprometida. Uma escola onde o diálogo seja uma constante, em que a qualidade do ensino seja refletida no desejo e no interesse em conhecer mais, buscar superar-se. Compreendendo que a aprendizagem é o resultado das relações contidas no intrínseco ato do ensinar e do compromisso com o aprender.

A busca constante e necessária da escola como espaço de diálogo, da pergunta, de caminho que se faz caminhando, mas na certeza de que sabe por onde se quer caminhar.

Foi possível, a partir dessa aproximação de Paulo Freire com o universo pedagógico, compreender que educação não se faz em um dia, ou em um ano, nem mesmo em um ciclo ou decênio da educação, mas ao longo de uma vida. Entender portanto, que a escola é um espaço de encontro, de concepções de vida, de alunos, de professores, de outros igualmente envolvidos e responsáveis. Remete todos à responsabilidade de trabalhar o conteúdo, os conhecimentos, para além da educação bancária que tanto criticou, antes requer em especial dos professores, que busquem ao trabalhar os conhecimentos acumulados, a observância de sua dimensão política e social, e o desenvolvimento de aprendizagens significativas.



Destacando a contribuição e caracterizando Paulo Freire no cenário educacional brasileiro, Saviani comenta que:

Paulo Freire foi, com certeza, um dos nossos maiores educadores, entre os poucos que lograram reconhecimento internacional. Sua figura carismática provoca adesões, por vezes de caráter pré-crítico, em contraste com o que postulava sua pedagogia. Após sua morte, ocorrida em 1997, a uma maior distância, sua obra deverá ser objeto de análise mais isentas, evidenciando-se mais claramente o seu significado no nosso contexto. Qualquer que seja, porém, a avaliação a que se chegue, é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que no início do século XX, no contexto da “globalização neoliberal”, compõem a massa crescente dos excluídos. Por isso seu nome permanecerá de uma pedagogia progressista e de esquerda. (2007, p. 333)

É preciso, portanto, conhecer a história para que possamos aprender com ela, alias, é por meio de duas de suas obras<sup>3</sup> em que ele se apresenta como cidadão do mundo ao refletir sobre sua própria história que, segundo ele, demarcou os limites de sua cultura. Para conhecê-la necessita-se sem dúvidas, estudo sério e dedicado, rigor e disciplina, horas de dedicação, vontade de conhecer, aprender e viver.

A Pedagogia de Paulo Freire é expressão do desejo pela vivência da ética, pelo saber que não ignora-se tudo, mas que também não se domina tudo e portanto exige humildade de quem ensina no respeito com quem aprende. A experiência de que o papel do professor não se satisfaz apenas no ensinar os conteúdos, mas também no ensinar a pensar certo. O ensino como motivação para a pesquisa, o professor como pesquisador, já que para comunicar é necessário conhecer o ainda não conhecido. O freqüente estímulo à curiosidade, que se manifesta inquietamente e de forma indagadora. O olhar para a formação moral do educando, em que demanda “profundidade na compreensão e na interpretação dos fatos”. A presença constante do diálogo. O professor que em formação permanente, faz a reflexão crítica sobre a própria prática. A atitude atenciosa para os gestos que diariamente traduzem-se em representações que estimulam ou implicam, no desestímulo no espaço escolar.

A escola como espaço de construção de sentidos, dos desejos e emoções. O ato de ensinar pelo professor, que se transforma na possibilidade da sua própria construção, e da construção do aluno enquanto participante. O exercício da autoridade competente, a prática democrática, vencendo os preconceitos pelo respeito. A exigência do assumir o direito e o dever de fazer opções, tomar decisões, fazer política, lutar para melhor viver.

---

<sup>3</sup> As obras em que destaca a importância da historicidade são: FREIRE, Paulo e Sérgio Guimarães. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. 2ª ed.; Paz e Terra, 2001; FREIRE, Paulo e Sérgio Guimarães. **Aprendendo com a própria história** Vol. 2. 2ª ed.; Paz e Terra; São Paulo: 2002.

Compreensão de que o fato do inacabamento faz com que as vivências sociais se tornem aprendizagens constantes, em que é o que se desafia a fazer. Que a “presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (2007, p. 54).

Paulo Freire afirma que o educando espera, não um “professor licenciado”, mas um educador com “bom senso”, capaz de orientar as atividades, tomar decisões, estabelecer tarefas, cobrar as produções individuais e coletivas do grupo, o que manifesta o reflexo da autoridade competente e o exercício da liberdade. Da mesma forma espera-se do professor o desejo pelo direito de poder dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente, o que lhes impõe a exigência de planejar, estudar, pesquisar, ler, escrever, num ato constante de preparação da sua ação educativa, na exigência pelo respeito à curiosidade do educando, a amorosidade por ele, comprometendo-se com o processo de formação.

O exercício da docência impõe ao educador a seriedade da sua formação, de acordo com Paulo Freire, na Pedagogia da Autonomia, “a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor” (2007, p. 92).

É possível perceber que alunos e professores, constantemente se observam, se avaliam, realizam “leituras sobre as atividades cotidianas”, toda a atividade pedagógica é um “texto” que permanentemente se torna “leitura”, interpretação, “escrita e reescrita”.

Paulo Freire traz para a realidade escolar, o pensar educação. Permite o reencontro com a esperança de um trabalho comprometido, responsável. Possível, se emanado no coletivo escolar. Uma necessária compreensão de que a escola é lugar de gente,

Lugar onde se faz amigos, [...] gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. [...] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.<sup>4</sup>

É essa escola que desejamos construir, uma escola humana, capaz de compreender os desafios de seu tempo, e na luta pelo melhor viver, reconhecer fatos, gestos, unir conhecimentos, recordar. Uma escola comprometida com as gerações futuras. Para Paulo Freire, uma escola em que “o direito de saber melhor o que já sabem, ao lado de outro direito, o de participar, de algum modo, da produção do saber ainda não existente” (2006, p. 111).

Com os limites próprios, percebemos que esse texto não teve a pretensão de esgotar-se, antes, elucidar algumas relações presentes no cotidiano escolar, compreendendo

---

<sup>4</sup> Poesia do educador Paulo Freire, disponível no site do Instituto Paulo Freire ([www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org))

que por ele (texto) não se mudará os contextos de vida de cada um, mas irá fomentar o desejo de construir práticas educativas nas escolas, em que é preciso competência, afetividade. Apresenta-se como um início de trabalho, ao qual se soma a necessária vivência pedagógica cotidiana, sugere ao leitor que participe dele, pensando além dele, desafiando-se a um maior contato com os pressupostos desse educador. Pretendemos contribuir para as mudanças significativas na escola, confrontando o texto com a própria vivência e experiência escolar.

Finalizamos com a certeza de que muito se pode aprender com Paulo Freire, ele que se definiu como “um homem que viveu, amou e tentou saber”. Um homem que nos deixa o legado da esperança, da capacidade de sonhar com um mundo melhor, por isso, um mundo possível, para o melhor viver. Uma educação que é feita por gente para gente, e que se sobressai porque existem educadores e educandos que sonham um mundo possível, sonham com uma escola alegre, uma escola que conhece a sua especificidade e por ela luta.

E porque não, a inserção para a continuidade do sonho de Paulo Freire,

O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente” (1991, p. 74). O sonho que “tem que ver com uma sociedade menos injusta, menos malvada, mais democrática, menos discriminatória, menos racista, menos sexista (1991, p. 118).

E assim, pensando com Paulo Freire, recordar que: “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (2000, p. 85).

Recriar, reinventar Paulo Freire, adaptando algumas de suas idéias às novas circunstâncias do país colocando suas idéias em prática. Esse é o manifesto de Paulo Freire, à “maneira de quem, saindo, fica”.

## Referências

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 1991

\_\_\_\_\_, **Um legado de esperança**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_, **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_\_, **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_, **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_, **Educação e mudança.** 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da esperança.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do Oprimido.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. & SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_, **Aprendendo com a própria história** Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. & ILLICH, Ivan. **Diálogo.** In: Seminario Invitación A Concientizar y Desescolarizar: Conversación permanente, Ginebra, 1974. Atas. Buenos Aires, Búsqueda-Celadec. 1975, 109 p.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular.** 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire.** São Paulo: Loyola, 1979.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações.** 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

\_\_\_\_\_, **História das Idéias Pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação.** 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

## **Leituras complementares**

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORSO, Paulino José (org). **Educação, Sociedade de classes e reformas universitárias**. Campinas, SP : Autores Associados, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido (org). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno e A. I. Pérez Gómez. **Compreender e transformar o ensino**. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Sentido da Pedagogia e papel do pedagogo**. Revista ANDE, nº 09, 1985.

SILVA, Carmem Silvia Bissolli da. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

VASCONCELOS, M. L. M. Carvalho e BRITO, Regina Helena Pires. **Conceitos de Educação em Paulo Freire: glossário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança**. Por uma práxis transformadora. 7ª ed. São Paulo: Libertad, 2005.

\_\_\_\_\_, **Coordenação do trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2002.

\_\_\_\_\_, **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação**. 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VEIGA, Ilma P A. e Lúcia Maria Gonçalves de Resende (org). **Escola: espaço do projeto político pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 1998.